

# Regional

ARQUIVO PÚBLICO E DIVULGAÇÃO

CURIOSIDADE NAS MONTANHAS

## Capixaba trouxe o banguê-banguê para o País

O cineasta Ludovico Persici nasceu em Alfredo Chaves e fez o primeiro filme de faroeste do Brasil com uma máquina que ele próprio inventou

Edézio Peterle  
ALFREDO CHAVES

Um filho de imigrantes italianos, que nasceu em Alfredo Chaves, na região serrana do Estado, se tornou o primeiro cineasta do País a produzir um filme de banguê-banguê.

E ainda com uma máquina que ele próprio construiu. Trata-se de Ludovico Persici, que contribuiu de forma pioneira para a história do cinema brasileiro.

Ele nasceu ainda no século XIX, em 1899. Foi o primogênito de 18 filhos de Maria Giro e Erasmo Persici. Apesar de ser alfreense por nascimento, sua ligação com o cinema começou no então distrito de Castelo, no município de Cachoeiro de Itapemirim, para onde sua família se mudou, em 1920.

Persici foi operador de projeção no cinema do Seu Rangel, o único que a cidade possuía. Em 1926, o gênio registrou um invento na Biblioteca Nacional, o chamado cinematógrafo Apparelho

Guarany, construído com peças de gramofone, de relógios velhos e latas de manteiga, que conseguia a proeza de filmar, copiar, medir e projetar as fitas.

Com o objeto, ainda em 1926, o cineasta fez o filme “Bang Bang”, o primeiro de faroeste do Brasil, na cidade de Conceição do Castelo – 14 anos após o surgimento do gênero nos EUA.

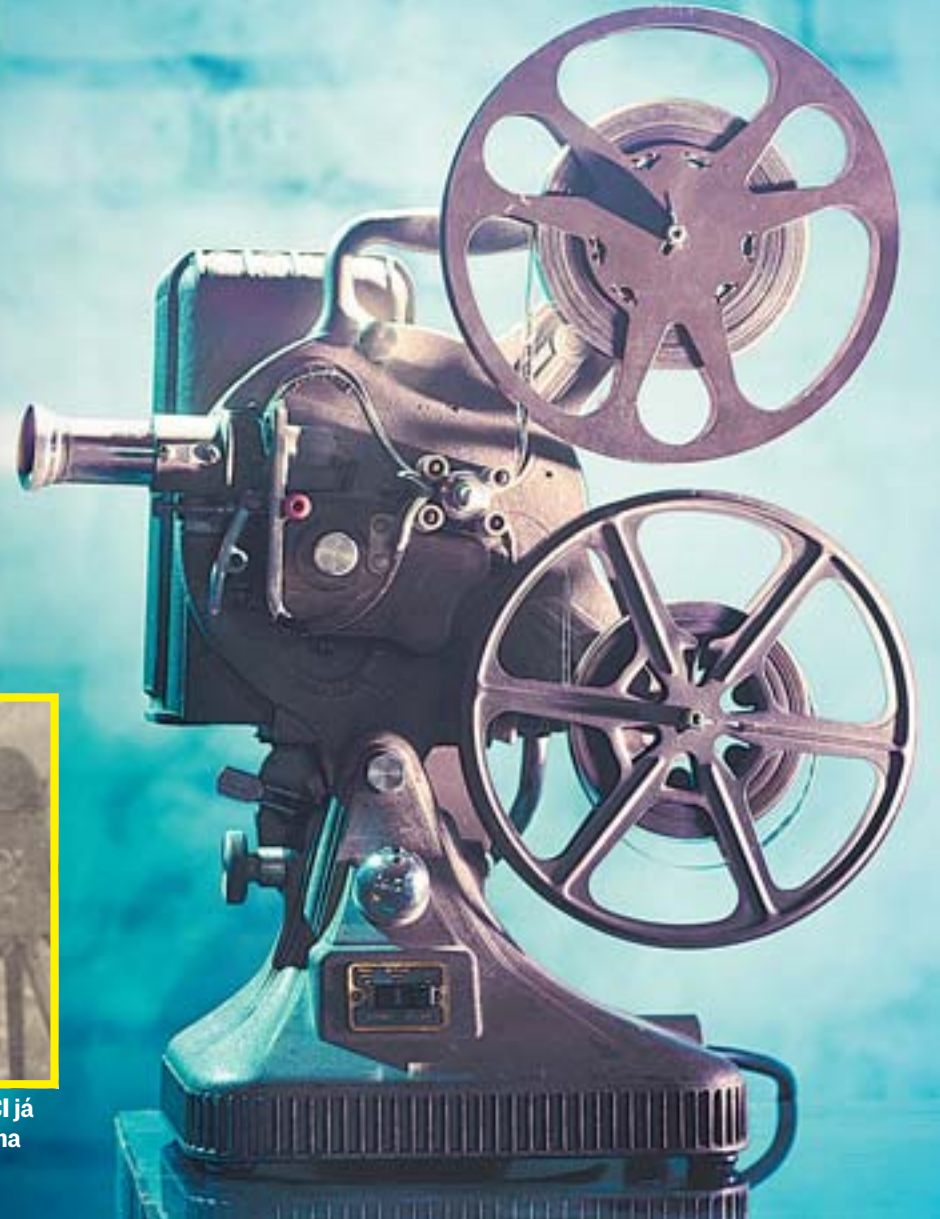
Persici, segundo o livro “Memórias de um Médico da Roça”, de Cyro Vieira da Cunha, fazia tudo nas filmagens: escrevia o roteiro, filmava e ensinava como cair sobre as mesas, dar socos e pontapés. Além disso, usou até balas de verdade para gravar cenas de perseguição entre o xerife e o bandido.

O longa-metragem, no entanto, foi perdido e somente alguns fragmentos foram recuperados pelo cineasta Alex Viany, que colocou esses trechos no documentário “O Sonho e a Máquina” (1974).

Embora tenha sido pioneiro, Persici não conseguiu sucesso e morreu de tuberculose, em 1944.



LUDOVICO PERSICI já fazia selfies em plena década de 1920



### Cineclube

Ludovico Persici tinha gosto pelas invenções e pelo cinema desde criança. E na sua cidade natal, Alfredo Chaves, há um projeto de cineclube, batizado com o seu nome, que realiza sessões de filmes e concertos musicais na estação de Matilde. As atividades começaram no ano passado e são destinadas a todas as idades.



### CENAS DE PERSICI



PERSICI apresenta a amigos e familiares o Apparelho Guarany.



CENA DE “Bang Bang”, de Persici: atores tinham de correr das balas nas filmagens.



CINEASTA fez releitura da cena de “A Chegada de um Trem na Estação” (1895).

## Gênio à frente do seu tempo

O cineasta Ludovico Persici foi um gênio à frente de seu tempo. É o que afirma o coordenador de preservação do acervo do Arquivo Público Estadual, Sérgio Forese.

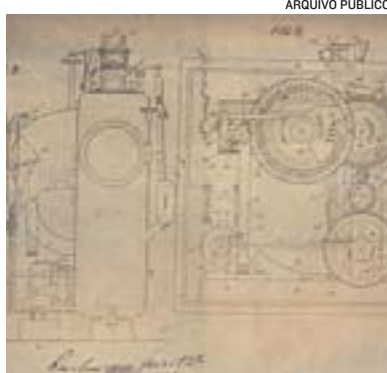
“Ele foi um grande idealista, uma pessoa que se apaixonou pelo cinema. Pessoa de muita inteligência, capacidade, conhecimento, que foi capaz de construir um equipamento raro para a época”, relata.

O escritor José Eugênio Vieira, autor do livro “Castello – Origem, Emancipação e Desenvolvimento

– 1702 a 2004”, separa algumas páginas para a história do cineasta. Na obra consta um artigo publicado por José Cola, em 1925.

O texto revela o desejo de Persici de divulgar seu invento para a indústria cinematográfica. O cineasta, porém, não teve êxito em seu objetivo de fabricação do Apparelho Guarany e disseminação dele.

Em uma de suas viagens para Belo Horizonte, ele levou a máquina e retornou sem ela. Seu paradeiro tornou-se um mistério.



PROJETO do Apparelho Guarany

## Relíquia guarda lembrança da família do cineasta

Assim como sua invenção, o Apparelho Guarany, as imagens e filmes produzidos por Ludovico Persici desapareceram no tempo. A exceção foi a descoberta de um filme produzido entre 1926 e 1929, “Cenas de Família”. A relíquia foi encontrada graças ao trabalho do escritor José Eugênio Vieira, durante a pesquisa para a produção do livro da cidade de Castelo.

Vieira revelou que descobriu um filme com familiares de Persici em Salvador, na Bahia.

“Ele se deteriorou um pouco, porque estava fora da proteção. Consegui autorização para recuperar o filme no Rio de Janeiro. Depois de restaurado, foi distribuído e exibido na praça de Castelo”, contou o escritor.

O filme é composto por imagens feitas nas viagens de Persici, como as ruas de Castelo, praia de Maratázes com pessoas se divertindo na areia e estações de trem.

À época, segundo Vieira, Persici já fazia selfies com sua invenção.



“CENAS DE FAMÍLIA”: lembrança

“Ele colocava a câmera para funcionar e ia para frente dela. Já era uma forma de selfie. Era um cara inteligentíssimo”, completa.

Relojoeiro de formação, Persici foi impedido pelo pai de ir para a Europa e reforçar sua formação, o que poderia ter auxiliado sua carreira de cineasta.